

GRAFITE: A ARTE DA RUA COMO FORMA EDUCATIVA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Leticia Batista Guimarães¹
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Resumo: Educar pela arte é um método instigante, frente ao processo de globalização, no qual as tecnologias e meios midiáticos promovem a virtuosidade de expressões, deixando, de certa forma, o trabalho artístico alienado. O fazer artístico deve ser exercitado na escola, de forma que o estudante tenha contato com a experimentação e a prática artística. Para tanto, o artigo tem como objetivo contribuir para a reflexão da arte do grafite, como forma de expressão urbana e comunicação específica e possuidora de potencialidades educativas. A partir do momento em que se discute a educação, reforçando a importância de trabalhar na escola conteúdos significativos de forma que se possibilite o acesso ao saber elaborado a todos os que se encontram na escola, é imprescindível assegurar o espaço da arte na educação na perspectiva da representação artística como o reflexo de uma realidade historicamente construída na relação homem-mundo, homem-humanidade. Assim, o grafite deve ser usado como um elemento de integração entre os sujeitos em busca de um objetivo comum: a expressão nas paredes e localidades do entorno da escola, além de incentivar o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno.

Palavras chave: Arte. Espaço Escolar. Grafite.

1 INTRODUÇÃO

A arte remonta aos primórdios da humanidade, caracterizando-se como uma das primeiras formas de manifestações artísticas. As pinturas rupestres revelavam essas primeiras formas de ação, demonstrando que o homem da caverna, naquele tempo, já se expressava por meio da arte. Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Embora presente nos livros de História da Arte, o grafite ainda é confundido até por professores de artes com pichação. Muitos professores de arte, por preconceito, preferem não trabalhar o grafite; outros, por temer uma reação negativa dos pais, por ser considerado em nível de senso comum vandalismo. E, apesar de fazer parte do conjunto de

¹Especializanda em Educação do Campo, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: leticiaguimaraes09@hotmail.com

conhecimentos artísticos mantêm-se marginal não só na sociedade, mas também na escola. O que se torna um obstáculo para a discussão do tema em sala de aula.

Frente à complexidade que se apresenta na educação contemporânea, se faz necessária uma práxis pautada em uma proposta pedagógica, que esteja diretamente articulada com a pluralidade das determinações sociais, buscando superar a fragmentação e os reducionismos presentes na educação e que seja comprometida com a socialização dos conhecimentos. Essa prática pedagógica pode se realizar mediante a inserção do grafite como forma educativa nos espaços escolares, tendo como objetivo a premissa de permitir a interlocução entre a arte e o aluno, provendo um entrelaçamento com a socialização de conhecimentos e da expressão que legitima o sujeito e suas vivências, materializando o sentido da educação em arte.

Mais do que isto, as artes, e especificamente a proposta de realização do grafite com a participação dos estudantes, fornece uma série de referenciais. Possibilita aos alunos aprenderem, em muitos casos com as atividades artísticas, muito mais do que o educador pretendia a princípio, quando, neste caso, os estudantes extrapolaram o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano é um ser cultural, essa é a razão primeira para a presença das artes na educação escolar. O grafite é tema de grande pertinência para a análise da nossa sociedade, da cultura contemporânea e para formar cidadãos críticos. A arte mural, nesse sentido, é uma forma de socialização da arte, pois faz do espaço urbano um museu a céu aberto.

Trazer uma proposta de experimentação artística por meio do grafite é estimulante para os estudantes, pois ele tem uma certa magia e abre brechas à subjetividade, características da arte contemporânea. O grafite é uma linguagem que instiga, desafia, possibilita o diálogo com a comunidade, tanto escolar como a do seu entorno. É uma forma de liberar anseios, críticas, protestos, mensagens e opiniões dos estudantes, que se sentem valorizados e estimulados a expressarem o que pensam, suas angústias, suas revoltas, sua existência e identidade. Não somente como forma de expressão simples e pura, mas como ampliação da bagagem cultural.

Por isso, utilizar o grafite nas escolas permite que os alunos conheçam este novo meio de expressão, dialogando e compartilhando de forma consciente e não como meros expectadores desse movimento. Entende-se também que contribuiu significativamente para o crescimento intelectual e artístico dos alunos, permitindo que se envolvam no seu próprio processo de aprendizagem e que desenvolvam um espírito crítico.

2 O ENSINO DE ARTE NO CURRÍCULO ESCOLAR BRASILEIRO: CONQUISTAS E DESAFIOS

A arte, a partir de 1971, durante a vigência da Lei nº 5.692, que fixou Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, era entendida como “atividade educativa” e não como disciplina, e intitulada como Educação Artística, sendo, portanto, tratada como experiência de sensibilização e como conhecimento genérico. Em 1988, ano da promulgação da Constituição Federal, afluía-se calorosas discussões acerca da educação no contexto brasileiro, uma vez que o ensino de arte corria sérios riscos de ser excluído do componente escolar, fato que motivou educadores da área, tanto da educação formal como da informal, a organizarem manifestações a fim de garantir a permanência do estudo das artes nas escolas.

Essas manifestações foram impulsionadas pelo movimento Arte-Educação, o qual possibilitou a ampliação dos debates sobre os novos rumos ao ensino de arte. É neste cenário que se chegou ao final da década de 90, mobilizando novas tendências curriculares em Arte. “São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por Arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade” (BRASIL, 1997, p.25).

Contudo, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, foram revogadas disposições anteriores e a matéria “Artes” foi reconhecida como disciplina, tendo seu ensino se tornado obrigatório na educação básica, conforme dispõe o parágrafo 2º do artigo 26: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. E esforços foram lançados para que a arte se tornasse um conhecimento cada vez mais fortalecido na educação, com qualidade e no mesmo patamar de igualdade com os demais conhecimentos humanos, presentes na escola básica.

A matéria é composta por quatro modalidades artísticas: artes visuais, música, teatro e dança, que se tornaram obrigatórias a partir de 2008 com o advento da Lei Federal 11.769. Tais modalidades visam organizar sistematicamente os conteúdos de arte estabelecendo critérios, como intuito de promover a “formação artística e estética do aluno e a sua participação na sociedade” (BRASIL, 1997, p.49). Além da LDB, o Governo Federal formulou os chamados PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais), servindo como

referência para a elaboração dos currículos escolares do ensino fundamental e médio, das redes pública e particular. No documento PCN-Artes, foram elaborados os modelos que o ensino de Artes deveria seguir. Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades (BRASIL 1977, p.19). Tal proposta é considerada uma vitória diante das lutas em igualar no mesmo patamar as disciplinas.

Diante disso, vale destacar que o ensino de Arte no contexto atual das escolas é em sua grande maioria entendida como mera proposição de atividades artísticas, muitas vezes desconectadas de um projeto coletivo de educação escolar. Pode-se afirmar que há uma displicência quanto ao ensino de arte no contexto educacional e segundo Ana Mae Barbosa (1978, p.15) “o ensino artístico no Brasil só agora, e muito lentamente, se vem libertando do acirrado preconceito com a qual a cultura brasileira o cercou durante quase 150 anos que sucederam à sua implantação.” Tal colocação apesar do contexto de então, ainda prevalece como um pensamento para a realidade atual. Barbosa (1978, p. 13), defende que os novos métodos de ensino de Arte não são resultantes simplesmente da junção da Arte e a Educação, muito menos da oposição entre elas, mas da sua interpenetração.

No entanto, a Arte no ambiente escolar está aquém da construção de atividades aleatórias e artísticas utilizadas como passatempo para o aluno, ela objetiva construir no discente um pensamento histórico crítico, possibilitando ao aluno o desenvolvimento dos três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar. O produzir refere-se ao fazer artístico, é o processo de criação que se realiza por intermédio de experimentações (técnicas, materiais, substratos) e também do uso das diversidades de linguagens artísticas. Apreciar é a percepção, decodificação, interpretação, fruição de arte e do universo a ela relacionado, a ação de apreciar refere-se a análise da produção artística individual e do outro, interpretando segundo seus conhecimentos preconcebidos. E o contextualizar é situar o conhecimento do próprio trabalho artístico, do outro e da arte no contexto social, histórico e cultural.

Para tanto, Barbosa (2008, p. 14), afirma que “somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor de sua própria nação”. Portanto, o professor deve envolver o aluno em seu universo, exercitar a criatividade, estimular o pensamento crítico, tornar o ensino prazeroso, estimular a capacidade criadora, conscientizá-lo como agente transformador da sociedade. Nessa

perspectiva, Ana Mae (2008, p. 82) diz que “a arte não pode se tornar algo sem vida, mecânico, como tem ocorrido com o que ensinamos em todos os níveis de educação”. Portanto, o professor é o instrumento principal para as transformações no Ensino de arte, ele é o diferencial, o colaborador para a eficácia do bom aproveitamento dos conteúdos.

3 ABORDAGEM HISTÓRICA DO GRAFITE

Originalmente o termo grafite abarcava todo e qualquer signo desenhado ou gravado na pedra. Do grego *grafein* e do latim *grafiare* tinha, no mundo antigo, a conotação semântica de inscrição icônica e textual. Sabe-se, portanto, que desde a pré-história o homem usa a arte como forma de comunicação não verbal, podendo esta ser considerada como uma forma pré-histórica do grafite. Das pinturas rupestres ao grafite os motivos e técnicas mudaram, mas os muros continuam sendo suporte para uma forte forma de expressão, que hoje é denominada como arte urbana.

Segundo o professor de sociologia da Unicentro, Alessandro de Mello (2017), o grafite é considerado o mais antigo registro gráfico do ser humano, “desde os tempos mais remotos, o homem já se comunicava através de uma produção artística registrada nas paredes das cavernas, nas quais apareceram as pinturas rupestres, bem como de outras formas de comunicação escrita”.

A história do grafite remonta ao final da década de 60 e o início da década de 70 do século XX. Nesta década viu-se surgir um movimento maciço de protestos contra o autoritarismo político e exacerbação do capitalismo nas sociedades ocidentais. Vários países europeus tiveram movimentos estudantis fortes assim como países latino-americanos. Mas foi em Paris que a revolta estudantil teve maior expressão. Jovens da cultura hip-hop e artistas anônimos começaram a grafitar em vagões do metrô e nos muros das regiões mais pobres da cidade de Paris e Nova Iorque, restabelecendo esta forma de arte, mas desta vez não com carvão e sim com Spray, criando um novo diálogo de grafite, colorido e muito mais rico, tanto visualmente quanto no conteúdo de mensagens que eram passadas. Estes jovens começam a relacionar arte, política e questões sociais por meio destas inscrições, nas quais vão constituindo uma linguagem da rua.

Dentre os grafiteiros, talvez o mais célebre seja Jean-Michel Basquiat, que, no final dos anos 1970, despertou a atenção da imprensa novaiorquina, sobretudo pelas mensagens

poéticas que deixava nas paredes dos prédios abandonados de Manhattan. Posteriormente Basquiat ganhou o rótulo de neoexpressionista e foi reconhecido como um dos mais significativos artistas do final do século XX. Atualmente no século XXI, muitas pessoas usam o grafite como arte em museus de arte. Autores, como Cooper e Sciorra (1994), afirmam que “o *grafiti* retomou às suas raízes e ressurgiu como uma forma de arte autônoma e plenamente viável como tal” (p.19).

No Brasil os movimentos de protesto contra a ditadura também foram permeados pelas inscrições nas paredes, que tinham como lema central a frase: “Abaixo a Ditadura”. Mas neste caso específico as manifestações foram menos contundentes assim como o material de protesto produzido por ela. O grafite foi introduzido no cenário brasileiro no final da década de 1970, fruto do reflexo da contracultura, a qual trouxe resultados imediatos na música e no movimento tropicalista.

Mas a periferia de São Paulo não demorou muito para seguir os passos das grandes metrópoles mundiais e também começou a usar o grafite como forma de expressar artisticamente suas opiniões contra outras imposições culturais. A partir daí surgem nomes expressivos na Arte Urbana, como Alex Vallauri, Carlos Matuk, John Howard, Waldemar Zaidler, Hudinilson Júnior, entre outros. Estes artistas faziam seus trabalhos a partir de grafites, sendo ele de estilo livre ou por intermédio de máscaras (moldes vazados a partir de uma máscara recortada). Eles tinham como referência para sua produção no campo das artes principalmente o estilo da Arte Pop norte-americana e outras referências da vida cotidiana e popular como personagens de histórias em quadrinhos e signos da cultura popular massiva.

A partir da década de 80 o grafite e suas expressões adjacentes, começam a serem cada vez mais reconhecidos pelo circuito legitimado da arte. Apesar dessa abertura que a arte urbana recebeu pela sociedade, ainda existe uma certa censura quando tratado do grafite ligado à sua essência ativista. No entanto, as políticas de apoio aos artistas são escassas, dando pouco ou nenhum espaço para que mostrem seu trabalho.

Vale destacar que por muito tempo o grafite foi visto como um assunto irrelevante ou uma mera contravenção, confundido muitas vezes com a pichação ou vandalismo. Posto a intensidade e ambiguidade em que o senso comum costuma confundir pichação e grafite (LAZZARIN, 2006, p. 5), e em que muitos casos a pichação tem assumido o papel de ovelha negra do grafite (TAVARES, 2010, p. 23), é muito importante citar que a pichação (...) parte de um processo mais anárquico de criação, no qual o que importa é transgredir e até agredir; marcar a presença, provocar, chamar a atenção sobre si e sobre o suporte.

(JAKOBSON, 1970, p. 48). Sobre isso, o artigo 65 da Lei nº 9.605/98, diferencia grafite de pichação e qualifica o ato de pichar como crime, enquanto o grafite é caracterizado como um ato de cunho artístico com intuito de valorização de monumentos.

De acordo com os *writers* - grafiteiros e escritores urbanos-, o grafite encontra-se entre duas percepções: a da sociedade instituída, que o rotula, no seu sentido amplo, como ato de vandalismo e/ou um atentado ao patrimônio, e a dos *writers*, que defendem o grafite como uma forma de arte alternativa, na qual se manifesta um desejo de criatividade, estimulado por vezes, pela crítica à realidade social ou, simplesmente, pelo desejo de embelezar os espaços urbanos.

Nesse contexto, o grafite é considerado como forma de expressão artística incluída no âmbito das artes visuais, mais especificamente, da *street art* ou arte urbana, em que o artista aproveita os espaços públicos para promover a valorização do espaço, bem com possibilitar o intercâmbio e diálogo entre a cultura mais tradicional e a cultura urbana. Dessa maneira, o grafite além de estabelecer uma forma de comunicação entre os participantes da arte do grafite, é também usado como uma maneira de protesto das minorias sobre os problemas sociais que enfrentavam, abordando em suas artes temas da transgressão e da contracultura.

4 O GRAFITE ENQUANTO FORMA EDUCATIVA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

A sala de aula caracteriza-se como um espaço para se confrontar teoria e prática, não só de correntes pedagógicas, mas também de estudos das mais variadas ciências e artes. Assim sendo, a instituição de ensino é responsável por inserir os estudantes em novas realidades que lhes permitam compreender o mundo à sua volta. Para tanto, o professor, enquanto mediador no processo de ensino-aprendizagem deve utilizar estratégias capazes de fazer com que a prática do ensino conduza mudanças no aluno. Estas deverão ser provocadas ao nível dos seus esquemas mentais, da sua criatividade e expressividade, das suas atitudes e comportamentos.

No âmbito da educação em arte na contemporaneidade, é importante levar em consideração a construção do conhecimento, a partir das experiências dos estudantes. Nesse sentido, a utilização do grafite em sala de aula funciona como uma forma de expressão que valoriza e enriquece o espaço e que permite a criatividade dos alunos. Ademais, possibilita à comunidade escolar um novo olhar sobre o rigor técnico e qualidade estética,

além de fazer com que expressem as suas opiniões, promovendo o questionamento e a reflexão. Além disso, concordando com Gitahy (1999), utilizar muros para comunicar ideias é uma forma de socializar a arte.

A capacidade transformadora da arte em contato com as realidades destes sujeitos possibilita observar práticas educativas, que utilizam o grafite como ferramenta de conhecimento e expressão. Proposições para a realidade contemporânea denotam ter mais integração, mais participação, além da socialização dos conhecimentos – que, partindo do contexto oferecido pelas relações sociais historicamente construídas, podem promover a humanização das escolas e alimentar o engajamento em uma sociedade que cede à homogeneização (HARVEY, 1994).

Sobre isso, o sociólogo e filósofo francês, Jean Baudrillard (1979), acrescenta que o ato de pichar e grafitar em alguns momentos é uma tentativa de manifestação singular diante do mundo, ou ato de desespero de indivíduos que querem por voz na boca das massas, por meio da linha, da cor e da forma:

A revolta radical, nestas condições, está inicialmente em dizer: Eu existo, eu sou tal, eu habito esta ou aquela rua, eu vivo aqui e agora. Mas isso seria apenas a revolta da identidade: combater o anonimato reivindicando um nome e uma realidade próprios. Os grafites vão mais longe: ao anonimato eles opõem nomes, mas sim pseudônimos. (BAUDRILLARD, 1979, p.37)

Desse posicionamento reforça-se a ideia de que o grafite se torna um ato de crítica à postura da sociedade. No entanto, é preciso a priori desmitificar a visão que os indivíduos possuem acerca do grafite. Imagina-se ainda que o grafite até pode ser interpretado como arte desde que seja feito em certos padrões de técnicas do desenho e da pintura e que seja autorizado. Aqui se encontra o problema da visão da simples constatação ou apropriação de um conceito do senso comum. Diante dessa realidade, é necessário fazer a princípio que o estudante busque olhar o grafite numa ótica de análise pictográfica, ou seja, pensar as questões sociais envolvidas e criar argumentação, sem necessariamente partir para o lugar comum do fazer sem elaboração de pensamento.

Nas aulas, um dos objetivos principais deve ser abordar o sentido sociológico e filosófico do grafite para a partir disso se analisar as questões artísticas. Embora a disciplina em questão seja a Arte, é importante que exista uma comunicação com outras disciplinas e com diferentes áreas do saber cultural e tecnológico, uma vez que os elementos da arte devem ser pensados em toda a sua contextualização, mesmo antes de sofrer uma análise puramente estética. Com isso, o aluno entrará em contato com uma “nova” forma de

expressão e, simultaneamente, terá distintas experiências de aprendizagem, que valorizam a relação socioeducacional.

Ao possibilitar o uso do grafite nas escolas, os muros e outros espaços, já marcados na própria estrutura física pelo tempo, passam a ser marcados também com histórias, vivências e particularidades de quem lá estava todos os dias. E se o tempo é mesmo regulado socialmente, capaz de inscrever as linhas da história de cada um, é com pincéis e sprays que os estudantes tomam conta do próprio destino e, no ato criativo, remarcam o muro pelas cicatrizes do tempo escrevendo suas próprias histórias. Isso faz com que grupos e “memória” social sejam criados.

Essa memória é importante por permitir analisar as representações produzidas como resultado de uma experiência concreta e de desejos sobre um determinado espaço geográfico (ARRUDA, 2000, p.41). Ao passo que sentem a necessidade de serem evidenciados e de deixarem “marcadas” suas práticas, e assim, a memória se enraíza no concreto, em espaços, gestos, imagens e objetos; a história se liga estritamente a continuidades temporais, a progressões e a relações entre coisas (NORA, 1984, p.19-20).

Essas manifestações são desenhos como forma de linguagem, pela qual o homem exprime suas ideias por meio de linhas, sombras e cores, do mesmo modo que as exprimem por meio de palavras e frases (TRINCHÃO, 2008, p. 407). Essas linguagens permeiam em fatores determinantes como: contexto, mensagem, código, remetente e destinatário (JAKOBSON, 1970, p. 27). São nos contextos sociológicos, psicológicos, sociais e culturais que os agentes culturais vistos como remetentes, são incentivados à produção de códigos. Essas produções têm como objetivo principal a criação de mensagens para destinatários do seu próprio grupo, ou não.

E assim, existindo emissor, receptor e mensagem, o grafite caracteriza-se como uma forma de comunicação. É por intermédio dessa comunicação, entendida como linguagem que os grafiteiros esboçam seus íntimos desejos, suas frustrações, seus receios. As linguagens urbanas dos grafiteiros revelam seus múltiplos códigos, as tensões, marginalizações, disputas e reivindicações dos seus habitantes, porque o que se escreve ou prescreve em seus micros é obra dos cidadãos, e não imposição das instâncias institucionalizadas (RAMOS, 1994, p. 33).

A esse respeito, Gitahy (1999, p.46), estabelece características estéticas e conceituais sobre a linguagem do grafite.

Estéticas:

- Expressão plástica figurativa e abstrata;
- Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas;
- Natureza gráfica ou pictórica;
- Utilização de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista;
- Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da pop art;
- Repetição de um mesmo estilo quando feito a mão livre.

Conceituais:

- Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero;
- Discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com muito humor e ironia;
- Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole;
- Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo;
- Produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis.

Essas características estão presentes no grafite e o definem enquanto linguagem. Essa linguagem, como um conjunto de formas que se apropriam dos espaços urbanos, é analisada a partir de seus usos no espaço da cidade e da escola. Nesse sentido, o exercício da arte no espaço escolar possibilita significativamente o objetivo do conhecimento e das relações entre sujeito e sociedade, enquanto a experimentação de novos desafios na aprendizagem, promovendo a curiosidade e o conhecimento como fontes integradas de informação, legitimando o ensino da arte na escola.

Por isso, conhecer e refletir por meio da arte, neste caso a partir do grafite, possibilita ampliar o senso crítico e transformar olhares curiosos, tanto da comunidade escolar, quanto de transeuntes que percorrem o espaço público e convivem a rotina frenética da cidade. Percebe-se, portanto, que o grafite é uma forma de arte que permite desdobramentos. Expõe autoafirmação, expressa um grito de liberdade. Com isso, os estudantes aprendem sobre várias formas de expressão por intermédio das paredes, muros e espaços públicos antes de partirem para a prática. Compreendem que um trabalho artístico realizado dentro da escola tem diferenças em relação a algo que se produz no espaço público.

Nesse viés, a disciplina de Arte deve promover na sala de aula uma reflexão sobre o grafite como manifestação artística, sociológica e filosófica. O aluno mediante as definições sobre grafite, pichação, discussões e documentários, tem que ser levado a construir argumentação e conhecimento sobre o tema. Por isso, nota-se que não é mais possível a escola deixar essa manifestação social fora das discussões e dos estudos. Dessa forma, é importante ressaltar que sem a nova arte não haverá o novo homem (VIGOTSKI, p.329). A

nova arte emerge em lugares abertos, para depois em produtos, como forma de contribuir para a identidade da sociedade, para a formação e o despertar cognitivo, estético, questionador e politizado do novo homem. (FLEXOR, 1999, p. 4)

O grafite, sendo a arte do efêmero, indica a necessidade de uma constância na atitude artística: pede que se persista, transgrida e arrisque mais de uma vez, apesar da duração e da temporalidade de seus traços. Submetido à lógica feroz da incompreensão do ambiente urbano e do tempo, o grafite pode passar pelos muros, mas ficará gravado em forma de experiência e na bagagem cultural de quem foi protagonista, presenciou, participou e viveu a experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, “(...) de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos.” (BRASIL, 1997, p. 20). Partindo do que estabelecem os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Assim, segundo os Parâmetros a Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem. Torna-se necessário, portanto, a escola estabelecer uma nova relação com os sujeitos, a partir de um projeto pedagógico com uma reflexão sistemática, que propicie aos estudantes conhecerem a si próprios e interagirem com o espaço escolar e o seu entorno expondo suas aspirações e histórias, o que ocorre com o uso do grafite nas aulas de Arte.

Dessa maneira, percebe-se que o uso do grafite em sala de aula, revela elementos que traduzem uma mensagem peculiar e reflexiva, além de imprimir a criação de projetos pelos estudantes da escola, a valorização de suas aspirações e ideias projetadas na forma do grafite. Pretende-se que o grafite provoque um novo olhar pelos estudantes, em que possa ser percebido que mesmo sendo um trabalho que foge de características convencionais, tem em seu âmago algo mágico que, pode-se entender como algo sedutor, no qual os estudantes

recriem a percepção comum da escola, tornando a arte desenvolvida um suporte suscetível tanto a críticas quanto à reflexão – características intrínsecas ao grafite e à arte de rua.

Além do aspecto artístico, essas produções representam ideologias, opiniões e retratam a vida de grupos sociais. As propostas ideológicas do grafite têm diversos objetivos, mas, o principal é chamar a atenção da sociedade, de maneira contestadora e reflexiva. O significativo por intermédio da imagem se faz ser lido, e interpretado, carregando consigo uma gama de subjetividade e ideal em que o sujeito participa do processo transformador.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: Entre a História e a Memória**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. Kool Killer ou insurreição pelos signos, traduzido por Fernando Mesquita. **Revista Cinema/Cine Olho**, n. 5, jul/ago, 1979.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____, Ana Mae. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus. **Educação Artística: leis e pareceres**. Brasília: Cortez, 1981.

_____, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____, Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2000.

DIEGO, Jesus. **La estética del graffiti en la sociodinámica del espacio urbano:** Orientaciones para un estudio de las culturas urbanas en el fin de siglo. Spain, Universidad de Zaragoza, 1997.

FERREIRA, Sueli. **O Ensino das Artes:** Construindo Caminhos. Campinas, SP: Papirus, 2001.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Pesquisa e metodologia em arte.** Salvador, 1999.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística, poética, cinema.** São Paulo: Perspectiva, 1970.

MELLO, Alessandro. **Grafite:** a linguagem que vem das ruas. Disponível em: <<https://sites.unicentro.br/jornalagora/grafite-a-linguagem-que-vem-das-ruas/>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história:** os lugares de memória. Trad. Patrícia Farias. Traduzido do original francês publicado in: Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, vol 1 (La République), 1984, p. 19-20.

PEREIRA, Kátia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Angela Carrancho da (Org.). **Escola com Arte:** multicaminhos para a transformação. Porto Alegre: Mediação, 2006.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. **O desenho como objeto de ensino:** história de uma disciplina a partir dos livros didáticos luso-brasileiros oitocentistas. Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.329.